



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**

**A Mediação nos Museus Históricos e Sua Relevância para o Público
Infantojuvenil: Estudo do Setor Educativo do Museu da Inconfidência
(2018-2019)**

Ouro Preto, MG

2026

MILLA SILVA DO ESPÍRITO SANTO

**A MEDIAÇÃO NOS MUSEUS HISTÓRICOS E SUA RELEVÂNCIA PARA O
PÚBLICO INFANTOJUVENIL: ESTUDO DO SETOR EDUCATIVO DO MUSEU DA
INCONFIDÊNCIA (2018-2019)**

Monografia apresentada ao Curso de Museologia do Departamento de Museologia da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto para obtenção parcial do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Karlla Kamylla Passos

Ouro Preto, MG
2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S237a Santo, Milla Silva do Espirito.

A mediação nos museus históricos e sua relevância para o público infantojuvenil [manuscrito]: estudo do setor educativo do Museu da Inconfidência (2018-2019). / Milla Silva do Espirito Santo. - 2026.
51 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. KARLLA KAMYLLA PASSOS.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Museologia .

1. Museus - Aspectos educacionais. 2. Mediação. 3. Museologia. 4.
Museu da Inconfidência. I. PASSOS, KARLLA KAMYLLA. II. Universidade
Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 069.02(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Cristiane Maria da Silva - CRB6-3046



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Milla Silva do Espírito Santo

A Mediação nos Museus Históricos e Sua Relevância para o Público Infantojuvenil: Estudo do Setor Educativo do Museu da Inconfidência (2018-2019)

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia

Aprovada em 06 de março de 2026

Membras da banca

Doutora - Karlla Kamylla Passos - Orientadora (DEMUL/UFOP)
Doutora - Christine Ferreira Azzi - (IBRAM)
Doutora - Ranielle Menezes de Figueiredo - (DEMUL/UFOP)
Mestre - Larissa Gonçalves Venancio - (DEMUL/UFOP)

Karlla Kamylla Passos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 06/04/2026



Documento assinado eletronicamente por **Karlla Kamylla Passos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/05/2026, às 14:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1104628** e o código CRC **C958BD30**.

Agradecimentos

Agradeço, com profunda admiração, à minha mãe, cuja trajetória recente se tornou para mim uma das maiores inspirações. Ao iniciar uma graduação em Matemática em 2024 e seguir firme na realização do sonho de se tornar professora, ela me ensinou, na prática, que nunca é tarde para recomeçar. Sua determinação, disciplina e amor pelo conhecimento reacenderam em mim a confiança necessária para retomar esta pesquisa e concluir minha própria formação.

Ao meu pai, que já não está fisicamente presente, mas cuja memória permanece viva em tudo o que sou. Sua força, sua dignidade e a maneira como lutou até o fim, guiado pelo amor, seguem sendo referência e amparo. Este trabalho também carrega a marca de sua história e do seu exemplo.

À minha orientadora, Kamylla, expresso minha profunda gratidão pela escuta atenta, pela orientação cuidadosa e, sobretudo, pela paixão pela educação museal. Seu entusiasmo e compromisso com o campo foram combustível para que eu seguisse em frente. Sua confiança no meu trabalho foi essencial para que esta pesquisa se concretizasse.

À professora Gabriela, que esteve comigo no início desta jornada, quando o projeto ainda era apenas uma ideia em meio a várias. Sua orientação naquele primeiro momento foi fundamental para que eu acreditasse na potência do tema e seguisse desenvolvendo esta pesquisa.

À Christine, minha coordenadora no período de estágio, agradeço pelos ensinamentos compartilhados, pela postura ética e pelo cuidado no trabalho cotidiano. Além de ter sido uma referência profissional, tornou-se uma pessoa muito querida na minha trajetória. Levo comigo os aprendizados construídos naquele período, que foram decisivos para a elaboração deste trabalho.

Concluir esta pesquisa exigiu mais do que dedicação acadêmica, exigiu coragem para retomar caminhos, atravessar dúvidas e acreditar que seria possível. Este trabalho não é apenas fruto de um esforço individual, mas também resultado de uma rede silenciosa de apoio que me sustentou nos momentos mais difíceis. Agradeço a todas as pessoas que, de diferentes formas, me incentivaram quando eu mesma já não acreditava ser possível continuar.

Resumo:

Esta monografia analisa de quais maneiras um museu histórico pode fortalecer sua função social por meio de interações educativas que valorizem a diversidade, o território, a autonomia e a participação ativa do público infantojuvenil, tomando como objeto de estudo o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (MG). O recorte temporal concentra-se nos anos de 2018 e 2019, período em que a autora esteve inserida na instituição como estagiária no Setor Educativo, o que orienta a abordagem adotada: um relato de experiência articulado à contextualização teórica sobre museus históricos, museologia, mediação e educação museal. A pesquisa discute a constituição do Setor Educativo e descreve práticas desenvolvidas no período, com ênfase nas oficinas continuadas, como “Meu Museu Imaginário” e “Meu Lugar na História”, e nas visitas mediadas, que passaram por reformulações voltadas a torná-las mais dinâmicas e dialógicas, com roteiros temáticos e estratégias de aproximação entre acervo e visitantes. Ao longo do trabalho, sustenta-se a compreensão de mediação como processo relacional que não se limita à transmissão de conteúdos, mas cria condições para encontro, escuta e construção compartilhada de sentidos, favorecendo vínculos culturais e afetivos com o patrimônio. Considera-se que práticas educativas planejadas com intencionalidade e sensíveis às especificidades da infância podem tensionar distanciamentos simbólicos típicos de museus históricos e reposicioná-lo como espaço de participação e pertencimento, reafirmando a relevância da educação museal na museologia contemporânea.

Palavras-chave: Educação museal. Mediação. Museologia. Público infantojuvenil. Museu da Inconfidência.

Abstract:

This monograph examines how a historical museum can strengthen its social role through educational interactions that value diversity, territory, autonomy, and the active participation of children and young people, taking the Museum of the Inconfidência, in Ouro Preto (MG), as its case study. The time frame focuses on the years 2018 and 2019, when the author was part of the institution as an intern in the Educational Department, which informs the approach adopted: an experience report articulated with a theoretical discussion on historical museums, museology, mediation, and museum education. The study discusses the constitution of the Educational Department and describes practices developed during the period, with emphasis on ongoing workshops, such as “My Imaginary Museum” and “My Place in History”, and guided visits, which underwent redesigns aimed at making them more dynamic and dialogical through thematic itineraries and strategies to foster closer relationships between the collection and visitors. Throughout the work, mediation is understood as a relational process that goes beyond the transmission of content, creating conditions for encounter, listening, and the shared construction of meanings, thus promoting cultural and affective bonds with heritage. The monograph concludes that educational practices planned with intentionality and attuned to the specificities of childhood can challenge the symbolic distance often associated with historical museums and reposition the museum as a space for participation and belonging, reaffirming the relevance of museum education within contemporary museology.

Keywords: Museum education. Mediation. Museology. Children and young audiences. Museum of the Inconfidência.

Lista de figuras:

Figura 1 - Visita mediada realizada pelo Setor Educativo do Museu da Inconfidência – 2019.	
10	
Figura 3 - Praça Tiradentes, Ouro Preto (1885), tela de José Rosário.	18
Figura 4 - Fachada do Museu da Inconfidência	20
Figura 5 - Casa do Pilar	28
Figura 6 - Oficina Meu Museu Imaginário, 2018	30
Figura 7 - Oficina - Meu museu imaginário, 2018	30
Figura 8 - Leitura do livro na oficina "Meu Lugar na História"	31
Figura 9 - Momento de montagem dos livros na Oficina "Meu lugar na História"	32
Figura 10 - Livros produzidos pelas crianças na oficina "Meu lugar na História"	32
Figura 11 - Montagem dos livros na oficina "Meu lugar na história"	33
Figura 12 - Apresentação dos livros na oficina "Meu lugar na história"	33
Figura 13 - Visita Mediada sobre o Barroco - colégio CEOP 2018	37
Figura 14 - Visita mediada com o livro Vamos conhecer o Museu da Inconfidência - 2016	37
Figura 15 - Capa do Livro "Vamos Conhecer o Museu da Inconfidência"	38
Figura 16 - Mural de Recados da colônia de férias	40
Figura 17 - Oficina do Ciclo II do Projeto Girassol Todos Podem ser Frida - 2016	41

Lista de abreviaturas e siglas:

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CAPS – Centros de Atenção Psicossocial
CAPS II – Centros de Atenção Psicossocial para pessoas em sofrimento psíquico intenso
CAPS AD – Centros de Atenção Psicossocial para pessoas em situações relacionadas ao uso prejudicial de álcool e outras drogas.
CEOP – Centro Educacional de Ouro Preto
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DEMUL – Departamento de Museologia
EDTM – Escola de Direito, Turismo e Museologia
IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MDINC – Museu da Inconfidência
OBEC – Observatório da Economia Criativa da Bahia
PEMBrasil – Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros
PNEM – Política Nacional de Educação Museal
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP – Universidade de São Paulo

Sumário

Introdução	9
Objetivo geral	12
Objetivos específicos	12
Estrutura dos capítulos	13
Capítulo 1 - Museus Históricos e a Mediação: Funções e Conexões com o Público	15
1.1. Ouro preto	17
1.2. O Museu da Inconfidência	18
Capítulo 2 – O Setor Educativo do Museu da Inconfidência: historicidade, fundamentos e práticas de mediação (2018–2019)	22
2.1 – Práticas educativas do Setor Educativo do Museu da Inconfidência – MDINC: mediação e construção de sentidos	24
2.1.1 Oficinas Continuadas: mediação, imaginação e memória	26
2.1.2 Visitas Mediadas: percursos temáticos e experiência relacional	33
Capítulo 3 – Entre o Patrimônio e a Infância: Mediação e Experiência em Museus Históricos	38
3.1 Mediação, Território e Compromisso Social no Setor Educativo	38
3.2 Ludicidade, Infância e Mediação: Uma Leitura das Práticas do Setor Educativo	40
3.3 Permanências e Transformações: O Setor Educativo no Contexto Atual	42
Considerações Finais	45
Referências bibliográficas	48

Introdução

A relação entre museus e os seus públicos têm se tornado, nas últimas décadas, um eixo central das discussões sobre educação museal no Brasil. Segundo o caderno da Política Nacional de Educação Museal – PNEM (2018) isso ocorre porque a função social dos museus é compreendida não apenas como preservação de acervos, mas como uma prática educativa voltada à formação crítica, ao pertencimento e ao diálogo entre diferentes sujeitos e suas culturas. A Educação Museal, segundo Costa *et al.*, (2022) não se restringe ao desenvolvimento de visitantes ou à formação de público: ela visa à emancipação e à participação ativa dos indivíduos na sociedade, constituindo-se como experiência relacional entre sujeitos, objetos e modos de viver o patrimônio cultural.

Nessa perspectiva, as interações com crianças e jovens assumem um papel estratégico, pois, esses grupos expressam repertórios próprios, imaginação em movimento e modos singulares de produzir sentidos dentro dos espaços museológicos. A partir da tese de Adrielle Moraes (2022), é referenciada a pesquisa de Flora Schmidt (2019), fundamentada em Vigotski (2010), destacando que o interesse infantil nasce da junção entre o conhecido e o novo, sendo essencial que o educador estabeleça relações a partir dos repertórios da criança para estimular descobertas, conexões com o acervo e experiências lúdicas significativas.

Essa ênfase no diálogo e na imaginação evidencia que a mediação museal com o público infantil exige metodologias sensíveis às especificidades desse grupo. Como se observa na imagem abaixo, durante uma visita mediada ao Museu da Inconfidência, acompanhada pela pesquisadora, alunos com aproximadamente seis anos de idade demonstraram curiosidade diante da sala denominada Panteão, espaço destinado a homenagear os inconfidentes, onde se encontram depositados seus restos mortais. A narrativa apresentada sobre os inconfidentes despertou o interesse das crianças que, motivadas por sua própria imaginação, aproximaram-se das lápides na tentativa de “ouvir” aqueles que ali descansavam.

Figura 1 - Visita mediada realizada pelo Setor Educativo do Museu da Inconfidência.



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Experiências como essa não constituem casos isolados, refletem uma tendência mais ampla no campo da educação museal brasileira. O que é possível perceber nos dados da Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros – PEMBrasil, uma iniciativa do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em parceria com o Observatório da Economia Criativa da Bahia (OBEC). A pesquisa teve como objetivo mapear, em âmbito nacional, as práticas de educação museal e sua relação com os princípios e diretrizes da PNEM. Foi realizada com a participação de museus e profissionais da educação museal de todas as regiões do país, e oferece um panorama sobre os públicos, os formatos das atividades educativas e os desafios do campo. De acordo com seus resultados, o público infantil está entre os mais beneficiados pelas práticas educativas dos museus brasileiros, mostrando que a infância é compreendida como um dos principais destinatários das atividades mediadas, juntamente com estudantes do ensino formal.

Em diálogo com o panorama da PEMBrasil, em que infância aparece como públicos amplamente beneficiados, vale notar que essa centralidade do escolar se articula a um padrão histórico de formação de públicos no campo museal brasileiro: os visitantes tendem a ser “majoritariamente escolarizados” e “com renda acima da média”, “basicamente divididos” entre um público das visitas escolares, cativo, e um público não escolar, famílias, grupos diversos, turistas. (Köptcke, 2005, p. 186).

Daí decorre uma crítica decisiva, apontada por Köptcke (2005), que intensificar visitas escolares pode não resolver, por si, a dificuldade de atrair públicos que não frequentam os museus. E assim ao discutir democratização, Köptcke diferencia o “acesso material” da “acessibilidade social e simbólica” e afirma que, neste segundo nível, trata-se de agir “combatendo as causas da desigualdade”, deslocando a análise para as condições efetivas de desejo, apropriação e fruição cultural (Köptcke, 2012, p. 221). No mesmo movimento, a autora sustenta que “incluir socialmente” implica ir além do acesso ao acervo e assumir um papel direto no “combate às desvantagens e discriminações” que atingem certos grupos (Köptcke, 2012, p. 223).

Essa atenção, entretanto, não deve restringir os museus à função de complementação da escola, mas sim reafirmar sua condição de espaços de aprendizagem ao longo da vida e de construção de vínculos sociais, culturais e afetivos. Conforme argumenta Lopes (1991), a incorporação sem o devido questionamento das finalidades e métodos da escola tende a reduzir o campo de atuação dos museus, submetendo-os a práticas pedagógicas pautadas na transmissão de conteúdos e na passividade do público. Ao contrário, ao assumirem sua especificidade enquanto instituições culturais inseridas no âmbito da educação não escolar, os museus podem favorecer processos educativos mais flexíveis, baseados na relação com os objetos, na livre escolha dos percursos e na construção de vínculos sociais, culturais e afetivos que extrapolam os limites da escolarização formal.

Morais (2022) cita experiências nos museus brasileiros que mostram que a interação com crianças e jovens se dá em muitos formatos. No Museu da Maré, por exemplo, ações como contação de histórias, atividades lúdicas e projetos como o *Hip Hop para adolescentes* e a *Brinquedoteca Marielle Franco* demonstram que a mediação pode ser expandida para além do espaço físico, dialogando com o território, com a memória e com as vivências cotidianas dos moradores.

Ainda como trouxe Moraes (2022), o Museu do Amanhã, por sua vez, apresenta iniciativas como o projeto *Entre Museus*, voltado a adolescentes da região portuária do Rio de Janeiro, que busca promover circulação cultural, ampliação de repertórios e conexão crítica entre museu, cidade e memória afro-brasileira. Como mostra Moraes (2022) essa proposta reconhece que a mediação precisa incorporar as realidades sociais do território, tornando-se instrumento de democratização do

acesso e fortalecimento das relações comunitárias (Andrade, 2020 apud Moraes, 2022).

Tais exemplos evidenciam que a mediação com o público infanto-juvenil está ligada à construção de experiências comunicativas e participativas. Mais do que transmitir conteúdos, trata-se de criar espaços de encontro, escuta e problematização do mundo.

Assim, este trabalho parte da compreensão de que a mediação, especialmente em museus históricos, constitui um campo fundamental para a formação de experiências significativas entre crianças, jovens e o patrimônio cultural. E, toma-se como objeto de estudo o Museu da Inconfidência (Ibram), localizado em Ouro Preto – MG, cuja trajetória expressa de forma significativa essa função, revelando tanto as mudanças sociais quanto os desafios da preservação e interpretação do patrimônio.

Objetivo geral

Analisar de quais maneiras um museu histórico pode fortalecer sua função social por meio de interações educativas que valorizem a diversidade, o território, a autonomia e a participação ativa desses públicos.

Objetivos específicos

- Contextualizar o papel social dos museus históricos, com ênfase na função educativa, enquanto espaços de interação, participação e valorização da diversidade dos públicos;
- Apresentar as práticas desenvolvidas pelo Setor Educativo do Museu da Inconfidência no período de 2018 e 2019, a partir do relato da experiência vivenciada, evidenciando as formas de interação estabelecidas com o público infanto-juvenil;
- Discorrer de que maneira as interações educativas promovidas pelo Museu da Inconfidência contribuíam para o fortalecimento da função social do museu, considerando aspectos como a autonomia dos públicos e participação ativa na construção de sentidos sobre o patrimônio.

Dessa forma, o presente trabalho explora a relevância dos processos de mediação cultural e educativa, com ênfase no público infanto-juvenil, no âmbito do Setor Educativo do Museu da Inconfidência. A mediação é compreendida aqui como uma estratégia de interação e engajamento capaz de transformar visitantes em agentes ativos na valorização e na ressignificação do patrimônio.

Entre os anos de 2018 e 2019, período este em que a pesquisadora esteve realizando seu estágio, o Setor Educativo do Museu já atuava com práticas voltadas para o público infantojuvenil que buscavam superar a visão tradicional dos museus históricos como espaços passivos de observação. Oficinas como *Meu Lugar na História* e *Meu Museu Imaginário*, além das visitas mediadas, destacaram-se por promoverem abordagens interativas e lúdicas, criando experiências significativas para crianças e jovens. Essas ações foram concebidas com o intuito de despertar a curiosidade, estimular a imaginação e favorecer a criação de vínculos afetivos com o museu e com o patrimônio histórico, contribuindo para sua compreensão como um espaço vivo de aprendizagem cultural.

O recorte temporal concentra-se nos anos de 2018 e 2019, período em que a autora esteve inserida na instituição como estagiária no Setor Educativo, o que orienta a abordagem metodológica adotada: um relato de experiência articulado à contextualização teórica sobre museus históricos, museologia, mediação e educação museal. A escolha do recorte temporal, bem como do tema, fundamenta-se na experiência vivenciada pela pesquisadora nesse período, a qual possibilitou acompanhar o desenvolvimento das práticas educativas e a consolidação da educação museal enquanto campo de aprendizado não escolar, inserido em um contexto institucional específico.

Estrutura dos capítulos

Dessa forma, o presente trabalho está estruturado em três capítulos, organizados de modo a conduzir o leitor da contextualização teórica ao relato da experiência e, posteriormente, à reflexão sobre o processo educativo desenvolvido no âmbito do museu histórico em questão.

O primeiro capítulo, *Museus Históricos e a Mediação: Funções e Conexões com o Público*, tem como objetivo contextualizar os museus históricos, abordando suas funções sociais e educativas e discutindo suas relações com os públicos.

Parte-se de uma reflexão mais ampla sobre o papel desses museus na sociedade contemporânea, avançando progressivamente para o debate sobre mediação e educação museal, até chegar à apresentação do Museu da Inconfidência, situando-o em seu contexto institucional, histórico e territorial.

O segundo capítulo, *O Setor Educativo do Museu da Inconfidência: historicidade, fundamentos e práticas de mediação (2018–2019)*, dedica-se à apresentação do Setor Educativo do Museu da Inconfidência, descrevendo sua estrutura, seus objetivos e as principais práticas educativas desenvolvidas, com ênfase nas atividades realizadas junto ao público infantojuvenil. O recorte é de 2018 e 2019, a partir de um relato da experiência vivenciada pela pesquisadora durante seu período de estágio, sem a pretensão de avaliação metodológica, mas com foco na descrição das ações e das formas de interação estabelecidas com os públicos.

Por fim, o terceiro capítulo, *Entre o Patrimônio e a Infância: Mediação e Experiência em Museus Históricos*, propõe uma reflexão sobre o processo educativo vivenciado no contexto do Museu da Inconfidência, tomando como base o recorte temporal do período em que a pesquisadora esteve inserida na instituição. Nessa etapa, são discutidas as contribuições das práticas educativas para o fortalecimento da função social do museu, considerando aspectos como autonomia dos públicos, a ludicidade nas práticas educativas e a construção de vínculos culturais e afetivos. O capítulo também traz a situação atual do setor educativo do museu da inconfidência apresentando as novas práticas e reforçando o papel da documentação e memória dos educativos.

Capítulo 1 - Museus Históricos e a Mediação: Funções e Conexões com o Público

Os museus históricos constituem-se como instituições profundamente vinculadas à preservação, organização e apresentação de acervos, configurando-se, sobretudo, como espaços destinados prioritariamente à observação e à instrução formalizada. As primeiras instituições museais, criadas sob forte influência dos modelos europeus, estruturavam-se a partir de coleções exaustivamente exibidas em grandes edifícios, nas quais o visitante era convocado a aprender pela observação, tendo o objeto como principal veículo de transmissão de conhecimento, Marandino (2008). Esse modelo, que marcou os primórdios dos museus no Brasil, consolidou uma tradição expositiva centrada na autoridade científica e na apresentação sistemática dos acervos, formando uma relação verticalizada entre instituição e público.

Com o avanço do século XIX e o fortalecimento dos ideais democratizantes que buscavam ampliar o acesso ao patrimônio, os museus passaram progressivamente a ser concebidos como espaços de interesse público e de formação do gosto e do conhecimento (Köptke, 2001 *apud* Marandino, 2008). Esse movimento estimulou a entrada de novos públicos, incluindo as camadas populares e grupos escolares, e impulsionou a criação dos primeiros serviços educativos, ainda embrionários.

Nesse contexto de ampliação do acesso e de redefinição das funções sociais dos museus, podemos destacar a criação do primeiro setor educativo no Brasil, formalmente instituído em 1927 no Museu Nacional, sob a idealização de Edgard Roquette-Pinto. Denominado *Seção de Assistência ao Ensino de História Natural*, essa iniciativa tinha como objetivo auxiliar a formação da educação escolar, oferecendo uma alternativa pedagógica centrada na observação direta dos objetos musealizados, alinhados aos ideais educacionais do período, de acordo com Moraes (2022). Desde sua origem, portanto, os setores educativos dos museus brasileiros foram concebidos como espaços de apoio ao ensino e à aprendizagem, reforçando a aproximação entre museu e escola.

Entretanto, essas iniciativas eram fortemente marcadas por limitações metodológicas: as práticas educativas ficavam geralmente sob responsabilidade dos próprios curadores, especialistas em seus campos, mas nem sempre preparados

para dialogar com públicos diversificados e não especializados (García Blanco, 1999 apud Marandino, 2008). Assim, mesmo sob uma visão mais inclusiva, muitos museus continuavam a se apresentar como espaços de contemplação e transmissão unilateral de saberes.

Ao longo do século XX, importantes transformações teóricas e políticas ampliaram a compreensão do papel social dos museus, deslocando-os de instituições centradas no acervo para instituições orientadas para o público e para a experiência cultural. Processos de renovação museológica, inspirados especialmente pelos ecomuseus franceses e pelo movimento da Nova Museologia, enfatizaram a relação entre território, comunidade e patrimônio, propondo que o museu se tornasse um espaço de participação e responsabilidade coletiva (Rivière, 1985 apud Marandino, 2008).

No contexto brasileiro, essa iniciativa conceitual dialoga com a compreensão dos museus enquanto “zonas de contato”, tal como formulado por Clifford (2016) e discutido por Peixoto (2003). Segundo essa abordagem, os museus deixariam de ser ‘só’ espaços de guarda e preservação para se tornarem ambientes de encontro, e por vezes de tensão, entre diferentes culturas, temporalidades, memórias e identidades. Para Peixoto (2003), os museus históricos carregam marcas profundas das relações coloniais e da produção de narrativas hegemônicas, e a mediação constitui-se como o campo privilegiado para confrontar, problematizar e reconstruir essas narrativas a partir da presença e das experiências dos visitantes. Assim, o público não é entendido como receptor, mas como sujeito ativo, capaz de intervir, interpretar e atribuir sentidos ao patrimônio. No entanto, cabe ressaltar que os educativos não devem ser o único espaço responsável por esses processos, nesse sentido é fundamental uma cadeia operatória museológica (Bruno, 1996) que esteja comprometida com a decolonialidade. Daí a importância da museologia nos processos educativos, de modo a integrar todas as demais áreas dos museus (Passos dos Santos, 2023; Santos, 1996).

As reflexões contemporâneas sobre educação e comunicação museal reforçam essa mudança de paradigma. Marandino (2008) destaca que os museus devem ser compreendidos como espaços de educação não formal, nos quais a aprendizagem se dá pela livre escolha, pela curiosidade e pela interação com objetos, discursos e agentes mediadores. Nesse ambiente, a mediação humana desempenha um papel central, por ser a instância capaz de conectar os conteúdos

expositivos às trajetórias, compreensões e repertórios dos diferentes públicos, transformando a visita em uma experiência significativa. A mediação, portanto, não se limita à transmissão de informações, mas envolve processos de escuta, negociação de sentidos, construção coletiva de conhecimento e reconhecimento das identidades que atravessam o espaço museal. Como podemos observar na definição de Mörsch (2009):

(...) mediação e educação em museus representam a prática de convidar os diferentes públicos a usarem a arte e suas instituições para promoverem processos educativos através de sua análise e exploração, sua desconstrução e, talvez, mudança; e para provocar formas de desenvolver estes processos em outros contextos. (Mörsch, 2009, p. 2)

E nesse cenário se compreende a importância da mediação em museus históricos, particularmente no diálogo com públicos infantojuvenis. Se a tradição museal consolidou modelos expositivos rígidos, centrados na autoridade da instituição, as práticas contemporâneas de mediação buscam quebrar tais estruturas, criando oportunidades de participação, problematização e engajamento afetivo com o patrimônio. Para esse público, marcado pela imaginação, pela experimentação e pela necessidade de pertencimento, a mediação torna-se instrumento fundamental para aproximar passado e presente, memória e território, contribuindo para que crianças e jovens se reconheçam como sujeitos da história e do patrimônio que os cerca.

Dessa forma, compreender a mediação em museus históricos implica também considerar os contextos territoriais nos quais essas instituições estão inseridas. Assim, a cidade de Ouro Preto surge como um recorte relevante, na medida em que concentra uma forte presença de patrimônio histórico e dinâmicas específicas de relação entre museu e público.

1.1. Ouro preto

Conforme informações disponibilizadas no site¹ da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, a cidade (imagem 3) teve origem no final do século XVII, a partir da descoberta de ouro na região, fato que impulsionou um intenso processo de ocupação e exploração mineral em Minas Gerais. Em 1711, o então povoado foi elevado à categoria de vila com o nome de Vila Rica, consolidando-se como

¹ Acesso em 17 fev. 2026. Disponível em: <https://www.ouropreto.mg.gov.br/historia>

importante centro administrativo e econômico da capitania. Ao longo do século XVIII, destacou-se como o principal núcleo urbano da mineração aurífera e tornou-se capital da Capitania de Minas Gerais, condição mantida posteriormente como capital da Província até 1897, quando a sede administrativa foi transferida para Belo Horizonte.

Figura 3 - Praça Tiradentes, Ouro Preto (1885), tela de José Rosário.



Fonte: conhecaminas.com/2016/12/praca-tiradentes-em-ouro-preto-ano-1885.html

Ainda segundo o site oficial, em 20 de maio de 1823, após a Independência do Brasil, Vila Rica foi elevada à categoria de cidade e passou a se chamar Ouro Preto, denominação associada à tonalidade do minério extraído na região. A cidade preserva um significativo conjunto arquitetônico e artístico do período colonial, resultado do auge da mineração e do desenvolvimento urbano setecentista. Em razão desse conjunto histórico, Ouro Preto foi reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em 1980, sendo o primeiro sítio brasileiro a receber tal título.

A página da prefeitura também destaca que a cidade foi palco de acontecimentos marcantes para a história do Brasil, entre eles a Inconfidência Mineira, ocorrida em 1789. O movimento, embora não tenha alcançado seus objetivos, causou tensões políticas e sociais no contexto da administração colonial portuguesa e passou a ocupar lugar central na construção da memória histórica e identitária da cidade.

De acordo com informações disponibilizadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)², mesmo após o declínio do ciclo do ouro, a cidade de Ouro Preto manteve sua relevância, não apenas em função das atividades extrativistas, com destaque para a mineração, que ainda hoje constitui uma de suas

² Acesso em 26 mar. 2026. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1493/>

principais bases econômicas, mas também por sua importância histórica e por sua localização estratégica, fatores que contribuíram para a consolidação do turismo como uma atividade fundamental para a dinâmica local. Soma-se a isso a permanência de uma vida cultural e artística intensa e diversificada, que mantém a cidade em evidência no cenário nacional.

Nesse contexto, considero relevante trazer também a minha relação com a cidade de Ouro Preto, onde nasci e fui criada, em um bairro periférico, a Vila Aparecida. Durante a infância, as vivências com o centro histórico da cidade eram marcadas por certo distanciamento, uma vez que esses espaços não faziam parte do meu cotidiano de forma espontânea, sendo acessado de maneira pontual e, na maioria das vezes, através de instituições como a escola.

Essa experiência pessoal é um exemplo de como, mesmo em uma cidade amplamente reconhecida por sua relevância patrimonial, o acesso e a apropriação desses espaços não ocorrem de forma homogênea entre seus habitantes. Essa aproximação é atravessada por questões sociais, territoriais e simbólicas que influenciam diretamente as formas de pertencimento e de relação com a cidade. Assim, compreender Ouro Preto enquanto território implica considerar também essas distâncias e aproximações que constituem a experiência cotidiana de seus moradores.

No que se refere especificamente ao Museu da Inconfidência, minha aproximação com esse espaço ocorreu, sobretudo, por meio das visitas escolares realizadas durante a infância. Embora não me recorde com precisão das dinâmicas dessas experiências, permanece a memória do estranhamento com aqueles espaços, percebido, naquele momento, como um espaço que não nos pertencia plenamente. Ainda assim, esses momentos representavam oportunidades importantes de contato com o patrimônio histórico e com o próprio centro da cidade, promovendo, ainda que de forma pontual, uma aproximação mediada com esse universo.

1.2. O Museu da Inconfidência

Conforme informações do site³ do Museu da Inconfidência (imagem 4) está localizado no centro histórico de Ouro Preto, na Praça Tiradentes, instalado no

³ Acesso em 17 fev. 2026 Disponível em: museudainconfidencia.museus.gov.br/sobre-o-museu/

edifício histórico da antiga Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica, uma construção significativa da arquitetura colonial brasileira, empreendida a partir de 1785 e concluída ao longo do período colonial. Esse edifício, caracterizado por traços do barroco tardio, foi erguido para abrigar as funções administrativas e judiciais da cidade, integrando prisão e casas de câmara, refletindo o papel político e institucional do município na organização colonial.

Figura 4 - Fachada do Museu da Inconfidência



Fonte: <https://museudainconfidencia.museus.gov.br/>

A transformação desse edifício em museu não pode ser compreendida apenas como uma iniciativa isolada de preservação patrimonial. Sua criação insere-se em um contexto político específico: o período do Estado Novo (1937–1945), regime autoritário instituído por Getúlio Vargas. Conforme demonstram os estudos sobre política cultural no período, as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por uma intensa atuação do Estado na construção de uma narrativa histórica nacional, na qual a valorização de heróis e episódios considerados fundadores da identidade brasileira desempenhava papel estratégico (Ribeiro, 1985).

Nesse contexto, a criação de museus históricos esteve diretamente vinculada ao projeto de consolidação simbólica da nação, operando como instrumentos de legitimação do Estado e de fortalecimento de uma memória oficial.

Foi nesse cenário que, em meados da década de 1930, determinou-se a exumação e repatriação dos restos mortais dos participantes da Inconfidência Mineira que haviam sido degredados para a África. Os ossos que puderam ser

recuperados chegaram a Ouro Preto em 1937 e foram depositados no Panteão dos Inconfidentes em 1942, no espaço adaptado da antiga cadeia conforme é informado no site do museu.

Por meio de decreto-lei federal, o Museu da Inconfidência foi oficialmente criado em 11 de agosto de 1944, ainda sob o Estado Novo, com a finalidade de preservar, pesquisar e divulgar objetos, documentos e testemunhos relacionados à Inconfidência Mineira e à vida sociocultural da região nos séculos XVIII e XIX. A instituição, portanto, nasce como fruto direto desse projeto político-cultural autoritário, no qual a memória histórica era mobilizada como instrumento de pedagogia cívica e de consolidação da narrativa nacional. Entre suas primeiras atrações está o Panteão dos Inconfidentes, onde repousam lápides dos participantes do movimento⁴, que foram transformados em símbolo da luta pela independência nacional.

Desde sua inauguração, o Museu da Inconfidência cumpriu papel central tanto na preservação do patrimônio material quanto na construção de narrativas históricas sobre o Brasil colonial e a Inconfidência Mineira, consolidando-se como referência para estudos históricos, memória coletiva e identidade cultural no contexto brasileiro e servindo de ponto de encontro entre a história local e as demandas contemporâneas de educação (Cunha, 2011).

Inserido em um território marcado por forte monumentalidade histórica e simbólica, o Museu da Inconfidência apresenta-se como um espaço de grande densidade narrativa, cuja imponência arquitetônica, centralidade urbana e carga memorial podem, paradoxalmente, produzir distanciamentos entre o patrimônio e os públicos locais. Em Ouro Preto, cidade profundamente atravessada pela presença constante de bens tombados e discursos oficiais sobre a história nacional, não são raras as situações em que estudantes e moradores estabelecem uma relação de estranhamento ou não pertencimento com os espaços musealizados. Conforme apontam as reflexões de Marandino (2008) sobre mediação e educação museal, essa “grandeza” imposta e exposta tende a reforçar hierarquias simbólicas e a

⁴ Conforme o site do arquivo nacional a inconfidência mineira foi um movimento que manifestou o descontentamento de um grupo de intelectuais, mineradores, fazendeiros, clérigos e militares com as inúmeras taxações da Coroa portuguesa, particularmente pesadas devido ao esgotamento da mineração de diamantes e do ouro de aluvião das Gerais. Os inconfidentes defendiam a livre produção e comércio, o desenvolvimento das manufaturas têxteis e da siderurgia, a fundação de uma universidade em Vila Rica e a mudança da capital de Minas Gerais para São João del Rei. Acesso em 17 fev. 2026 Disponível em: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/inconfidencia-mineira>

engessar o museu como um lugar de autoridade, mais associado à contemplação e à reverência do que à experiência, ao diálogo e à participação.

Nesse sentido, torna-se fundamental pensar estratégias educativas capazes de aproximar os públicos, especialmente crianças e jovens, desse patrimônio, promovendo leituras mais sensíveis, inclusivas e familiares a esses públicos, nas quais o museu deixe de ser apenas um marco monumental da história para se constituir como espaço de pertencimento e construção de sentidos compartilhados.

Capítulo 2 – O Setor Educativo do Museu da Inconfidência: historicidade, fundamentos e práticas de mediação (2018–2019)

Segundo Cunha (2011) a constituição do setor educativo do Museu da Inconfidência aponta estar diretamente relacionada às transformações ocorridas no campo museal brasileiro a partir das décadas de 1970 e 1980, período onde houve um crescente debate sobre patrimônio cultural, memória e participação social. Inserido no contexto de uma cidade reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1980, o Museu da Inconfidência passou a enfrentar novos desafios no que se refere à relação entre preservação patrimonial, usos educativos do patrimônio e aproximação com os públicos locais, especialmente crianças e jovens.

Ainda no final da década de 1970 teve início, em Ouro Preto, um projeto educativo chamado *Atividades Artístico-Culturais para a População Infanto-Juvenil de Ouro Preto*, idealizado e coordenado pela arte-educadora Elizabeth Salgado de Souza. Inicialmente foi desenvolvido em espaços públicos da cidade, nos adros de igrejas e ruas do centro histórico, o projeto buscava promover experiências educativas a partir da vivência do território, articulando arte, história e cotidiano urbano, segundo Cunha (2011).

A partir de 1981, o projeto passou a ser desenvolvido no interior do Museu da Inconfidência, momento em que se instituiu formalmente o setor educativo da instituição, passando a ser chamado então de Área Pedagógica ou⁵ Museu-Escola. Essa mudança marcou um ponto importante na história do museu, ao inaugurar práticas de interação entre os públicos e o acervo museológico. Diferentemente de uma concepção restrita de atendimento ao público escolar, o Museu-Escola caracterizou-se desde sua origem por um público diversificado e por ações que extrapolavam os limites físicos do museu, tendo a cidade de Ouro Preto como elemento significativo do processo educativo. (Cunha, 2011)

Conforme destaca Cunha (2011), o Museu-Escola não se constituiu apenas como um serviço de apoio à escola, mas como uma proposta educativa voltada à

⁵ Segundo relata Cunha (2011) existe uma imprecisão terminológica entre o Museu-Escola e a Área Pedagógica do Museu da Inconfidência. Historicamente, na década de 80, o Museu-Escola centralizava todas as práticas educativas. Na data da publicação de seu artigo (2011), formalmente, o Museu-Escola era apenas uma parte desse setor. Essa confusão persiste em artigos, entrevistas de funcionários e revistas do museu, que usam os nomes de forma intercalada, divergindo dos folders daquele período que tratavam o Museu-Escola como uma ação isolada.

construção de experiências sensíveis e à produção de sentidos a partir da relação entre sujeitos, objetos e território. As atividades desenvolvidas buscavam romper com a lógica de contemplação passiva do acervo, incentivando a observação, a experimentação, o diálogo e a circulação pela cidade como formas de aprendizagem. Nesse sentido, o setor educativo do Museu da Inconfidência já se alinhava a concepções vindas no campo da educação patrimonial, que compreendiam o patrimônio como uma construção social e o público como sujeito ativo no processo de atribuição de significados.

A criação do setor educativo também estava associada às políticas culturais do período, em especial à atuação de órgãos como a Fundação Nacional Pró-Memória e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que passaram a incentivar ações culturais que geravam essa aproximação entre patrimônio e sociedade. Segundo o antigo diretor do Museu da Inconfidência, Rui Mourão, a implementação do Museu-Escola foi influenciada por discussões internacionais promovidas pela UNESCO, que apontavam para a necessidade de ampliar o papel educativo dos museus e fortalecer sua função social no contexto das cidades históricas (Cunha, 2011).

Esse movimento de ampliação do papel educativo do museu dialoga, ainda que de forma gradual, com as discussões que marcaram a Museologia a partir das décadas de 1960 e 1970. Conforme discutido nos debates que culminaram na Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972), a instituição museal passou a ser vista como um espaço comprometido com a participação ativa das comunidades em seus processos. As reflexões posteriormente sistematizadas no âmbito do Movimento da Nova Museologia enfatizam a superação do modelo centrado exclusivamente na coleção, defendendo práticas orientadas pelo território, pela população e pelo patrimônio compreendido em sua dimensão global, cultural, social e ambiental Santos (2002).

Conforme aponta Santos (2002), no contexto brasileiro essas discussões ganham maior difusão institucional a partir dos anos 1980, momento em que se consolidavam experiências educativas em museus históricos criados sob forte influência do Estado centralizador das décadas anteriores. A criação do setor educativo do Museu da Inconfidência insere-se nessa encruzilhada temporal: entre um modelo de museu marcado pela criação e monumentalização da memória

nacional e a emergência de perspectivas que reivindicavam maior participação social, diálogo comunitário e redefinição da função museal.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, o setor educativo do Museu da Inconfidência concretizou-se como um espaço de experimentação pedagógica, no qual a educação museal, ainda não nomeada assim de forma ampla na bibliografia, era concebida como processo relacional, situado e atravessado pelas condições sociais, políticas e culturais da cidade. A proposta do Museu-Escola contribuiu, assim, para tensionar modelos tradicionais de educação patrimonial centrados na preservação normativa e na valorização acrítica dos bens culturais, favorecendo práticas educativas que buscavam reaproximar os sujeitos de suas memórias, experiências e territórios, segundo Cunha (2011).

Após sua criação, a então denominada Área Pedagógica do Museu da Inconfidência passou por diferentes gestões e por distintas orientações no que se refere às práticas educativas desenvolvidas. Entretanto, em razão da ausência de registros sistematizados e unificados sobre esse percurso, a reconstrução detalhada dessa trajetória demandaria uma investigação mais aprofundada, o que extrapola os limites desta pesquisa.

Por meio das publicações disponíveis na página⁶ institucional do Museu da Inconfidência, é possível acessar as edições do informativo *Isto é Inconfidência*, impresso entre os anos de 1999 e 2017. Nessas publicações, encontram-se referências à Área Pedagógica desde a edição⁷ nº 2, de 1999, na qual o setor é apresentado ao público e é registrado um breve histórico de sua criação, bem como das atividades desenvolvidas.

A partir dessa edição, o setor educativo passa a aparecer com frequência no informativo, sobretudo nas seções de notícias e programação, nas quais são divulgadas suas atividades, oficinas e reconhecimentos recebidos ao longo dos anos.

2.1 – Práticas educativas do Setor Educativo do Museu da Inconfidência – MDINC: mediação e construção de sentidos

⁶ Acesso em 17 de fev. de 2026 Disponível em: museudainconfidencia.museus.gov.br/publicacoes/

⁷ Acesso em 17 de fev. de 2026 Disponível em: web.archive.org/web/20220720004022/https://museudainconfidencia.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/12/edi%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-02-ano-I-1999.pdf

Avançando dentro deste recorte temporal chegamos aos anos de foco desta pesquisa, entre 2018 e 2019 onde o Setor Educativo do Museu da Inconfidência era então coordenado pela educadora Christine Ferreira Azzi – servidora do IBRAM desde 2006, e atuante no setor educativo entre os anos de 2014 e 2019, formada em Literatura Francesa, com Doutorado em Literatura Francesa e Pós-doutorado em Educação, Multiletramentos e literatura infantil. O que consolidou um conjunto articulado de práticas educativas empenhadas em aproximar os públicos do patrimônio cultural local alinhado com os princípios da PNEM e os valores que orientam a função social dos museus.

Com base em um processo sistemático de registro documental e de pesquisa, as atividades desenvolvidas no setor entre os anos de 2014 e 2019 foram objeto de um projeto de iniciação científica, ao qual participei como voluntária, viabilizado por meio de um convênio entre o IBRAM e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo registro está disponibilizado no site⁸ dedicado à documentação das práticas educativas realizadas pelo setor no período em questão.

O caráter documental dessa produção, que inclui registros de visitas mediadas, oficinas continuadas, projetos temáticos e ações extramuros, torna possível compreender não apenas a diversidade de estratégias empregadas, mas também a didática pedagógica desenvolvida no período. Ao resignificar atividades tradicionais, como as visitas ao acervo, e ao expandir o alcance de suas intervenções para além dos limites físicos do museu, o Setor Educativo buscou unir a construção de sentidos com a participação ativa dos públicos, especialmente escolares, configurando uma experiência educativa que ultrapassa a simples transmissão de informações e se coloca como parte integrante da experiência dos visitantes.

O público infantojuvenil apresenta características cognitivas e sociais que demandam abordagens específicas para maximizar seu envolvimento e aprendizado em espaços museológicos. Crianças e adolescentes encontram-se em diferentes estágios de desenvolvimento, variando desde a curiosidade exploratória dos primeiros anos até a capacidade crítica e reflexiva da adolescência, de acordo com Piaget (1975).

⁸ Acesso em: 04 de jan. 2026 Disponível em: <https://educativomdinc.wordpress.com/>.

Dessa forma, podemos observar nas práticas descritas a seguir, que a partir dessa concepção se estruturaram as ações desenvolvidas pelo Setor Educativo do MDINC no período analisado, sempre através de estratégias de mediação capazes de dialogar com crianças e jovens em diferentes estágios de desenvolvimento, tornando, assim, cada experiência singular.

2.1.1 Oficinas Continuadas: mediação, imaginação e memória

Entre as ações desenvolvidas pelo Setor Educativo, destacam-se as oficinas continuadas, planejadas e ofertadas prioritariamente ao público escolar infantojuvenil, em consonância com demandas específicas e com o calendário institucional do museu. Algumas dessas atividades eram realizadas de forma contínua, mediante agendamento ao longo do período letivo, como a oficina *Meu Museu Imaginário*. Outras oficinas, a exemplo de *Quem conta um conto* e *Meu lugar na História*, são desenvolvidas de maneira sazonal, integrando a programação de eventos nacionais e institucionais, como a Semana de Museus⁹ e a Primavera dos Museus¹⁰.

Para relatar a experiência vivenciada durante o período de estágio, recorro à primeira pessoa, a fim de apresentar minhas observações e percepções enquanto integrante do Setor Educativo do Museu da Inconfidência. Ao longo desse período, atuei diretamente na condução de oficinas e visitas mediadas, acompanhando de perto a relação estabelecida entre as crianças e as atividades propostas.

Entre as ações desenvolvidas, a oficina *Meu Museu Imaginário* destacava-se pela alta procura, especialmente por escolas de Ouro Preto. Essa atividade atendia

⁹ A Semana Nacional de Museus é uma temporada cultural promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), realizada anualmente em comemoração ao Dia Internacional dos Museus, celebrado em 18 de maio. Nesse período, museus e outras instituições culturais de diferentes regiões do Brasil organizam e divulgam uma programação especial para o público, com atividades presenciais e/ou online como exposições, visitas mediadas, palestras, oficinas e ações educativas, buscando aproximar os museus da sociedade e incentivar a valorização do patrimônio cultural. Semana Nacional de Museus. Acesso em: 14 fev. 2026. Disponível em: visite.museus.gov.br/semana-nacional-dos-museus/.

¹⁰ A Primavera dos Museus é uma ação cultural realizada todos os anos promovida também pelo Ibram, normalmente no início da primavera, em setembro. A proposta do evento é estimular uma programação especial nos museus e em outras instituições museológicas de todo o país, ampliando o diálogo com a sociedade e reforçando a importância do patrimônio cultural brasileiro. Nesse período, as instituições organizam atividades diversas, como visitas, ações educativas, encontros e programações temáticas, para alcançar públicos diferentes, aumentar a visibilidade dos museus e incentivar a participação da comunidade. Primavera dos Museus. Acesso em: 14 fev. 2026 Disponível em: visite.museus.gov.br/primavera-dos-museus/.

majoritariamente alunos dos primeiros anos do ensino fundamental até o quinto ano escolar e era realizada no Anexo III do museu, conhecido como Casa do Pilar (imagem 5), espaço onde funcionava o Setor Educativo. Era recorrente a participação de crianças que ainda não conheciam o Museu da Inconfidência ou que não possuíam uma compreensão clara sobre o que é um museu e qual é a sua função.

Figura 5 - Casa do Pilar



Fonte: <https://manuscriptum.posletras.ufop.br/fontes-documentais>

Por se tratar, em sua maioria, de escolas locais, tornava-se possível organizar as ações de forma articulada, realizando inicialmente a oficina no Setor Educativo e, posteriormente, agendando a visita mediada ao museu. Essa sequência era especialmente significativa, pois os conteúdos e reflexões trabalhados durante a oficina contribuíam para ressignificar o olhar das crianças no momento da visita ao espaço expositivo. A partir das experiências propostas, o museu deixava de ser percebido apenas como um lugar distante ou imponente e passava a ser compreendido como um espaço aberto a muitas interpretações, construídas a partir da imaginação e das referências das próprias crianças.

Conforme descrito no site¹¹ do Setor Educativo do Museu da Inconfidência, a oficina *Meu Museu Imaginário* foi concebida a partir de questionamentos como o significado de uma coleção, o papel dos museus e a possibilidade de as próprias crianças criarem seus museus. Foi implantada a partir de 2015 e a atividade propunha uma abordagem lúdica, criativa e dialógica sobre as noções de museu e coleção, apresentando diferentes tipologias de museus existentes no mundo e

¹¹ Acesso em 14 de fevereiro de 2026 Disponível em: educativomdinc.wordpress.com/2020/07/27/meu-museu-imaginario/

incentivando a reflexão coletiva sobre memória e identidade. Ao final do processo, as crianças eram estimuladas a criar, de forma colaborativa, seus próprios museus imaginários.

A oficina era ofertada durante o período letivo, mediante agendamento, com duração aproximada de duas horas. Inicialmente, as crianças eram recebidas no espaço do Setor Educativo e realizávamos a exibição de um material audiovisual, selecionado de acordo com a faixa etária de cada grupo. Embora não haja registro no site do Setor Educativo sobre quais eram esses materiais, lembro-me de que eram sempre relacionados a museus e/ou coleções e entre eles estava o vídeo *Museu de Cacarecos do Ludovico*, do programa Quintal da Cultura¹² (2014). Após essa exibição, iniciávamos uma conversa com os participantes, convidando-os a compartilhar suas experiências prévias relacionadas a visitas a museus. Buscávamos deixá-los à vontade para promover um primeiro momento de escuta e troca e, assim, perceber o nível de entendimento das crianças em relação ao espaço museal.

Na sequência, conduzíamos uma conversa sobre a ideia de coleção, questionando se as crianças possuíam algum tipo de coleção pessoal. A partir dos relatos apresentados, era introduzido algum exemplo de coleção, o que permitia estabelecer relações entre o conceito de coleção e a constituição do acervo museológico. Utilizávamos, por exemplo, coleções de cartões de orelhão, coleções de pedras, de bonecos e outras. Em um segundo momento, apresentávamos imagens de diferentes museus, estimulando as crianças a refletirem sobre os tipos de coleções que compõem cada instituição e sobre a diversidade de museus existentes. Por fim as crianças eram convidadas a criar seus museus imaginários, definindo em conjunto o acervo e utilizando os materiais disponíveis para materializar suas ideias. Ao término da atividade, cada grupo apresentava seu museu aos demais participantes, compartilhando suas escolhas e a experiência vivenciada.

A seguir, apresenta-se imagens (6 e 7) referentes a uma das aplicações da oficina *Meu Museu Imaginário* realizadas por mim no ano de 2018, a qual ilustra o desenvolvimento da atividade logo após o momento de conversa sobre museus e coleções. Nessa etapa da oficina, visualizávamos imagens de diversos museus ao

¹² Acesso em 14 de fevereiro de 2026 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5R6TQ GydoeM>

redor do mundo, com arquiteturas singulares, e as crianças eram convidadas a imaginar e sugerir qual seria o “tema” de museu de cada imagem apresentada. Essa dinâmica mostrou-se essencial para estimular a imaginação dos participantes e prepará-los para a etapa seguinte da atividade, na qual as próprias crianças criariam seus museus imaginários e definiriam seus acervos.

Figura 6 - Oficina Meu Museu Imaginário



Fonte: educativomdinc.wordpress.com/2020/07/27/meu-museu-imaginario/

Figura 7 - Oficina - Meu museu imaginário



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Outra oficina com a qual tive grande proximidade durante o período de estágio e que era bastante procurada pelas escolas locais foi a oficina *Meu Lugar na História*. Essa atividade tinha como objetivo trabalhar a criança como sujeito e agente histórico, considerando o contexto no qual está inserida e suas possibilidades de intervenção e pertencimento no espaço urbano. A proposta

buscava aproximar as noções de história e memória da linguagem infantil, valorizando as experiências individuais e coletivas das crianças.

A oficina era desenvolvida em dois momentos principais. No primeiro, o foco recaía sobre o sujeito como agente histórico; no segundo, buscava-se relacionar esse sujeito ao espaço em que vive, com ênfase em Ouro Preto. No momento inicial, era apresentado às crianças um material introdutório, que poderia ser um vídeo ou a leitura de um livro, a depender da faixa etária do grupo, com o objetivo de sensibilizá-las para o tema, como podemos observar na imagem 8, onde é feita a leitura do livro para uma turma de aproximadamente 8 anos. Embora eu não me recorde com precisão de todos os vídeos utilizados, lembro-me de um livro que se tornava especialmente significativo para os participantes, intitulado *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*¹³.

Figura 8 - Leitura do livro na oficina "Meu Lugar na História"



Fonte: arquivo pessoal (2018).

A narrativa do livro apresenta a história de um menino que vive próximo a um asilo e mantém amizade com seus moradores, em especial com a Dona Antônia. Ao descobrir que ela havia perdido a memória, o personagem busca compreender o significado desse conceito perguntando aos demais adultos com quem convivia, como resposta, ouve que memória é algo bem antigo, que faz chorar, faz rir, vale ouro e é quente. A partir dessas descrições, o menino reúne objetos simbólicos como conchas, uma marionete, uma medalha, uma bola de futebol e um ovo ainda

¹³ Acesso em: 14 de fev. de 2026. Disponível em: historiasparaosmaispequeninos.wordpress.com/wp-content/uploads/2025/06/guilherme-augusto-araujo-fernandes-mem-fox-pt.pdf

quente que, ao serem entregues a Dona Antônia, despertam lembranças e histórias de sua vida.

Essa narrativa servia como um importante ponto de partida para dialogar com as crianças sobre a relação entre objetos, memória e história, estabelecendo conexões diretas com o acervo museológico. O diálogo que se seguia à leitura era conduzido de acordo com a idade dos alunos, sempre de forma aberta, incentivando a participação e a inserção de experiências pessoais no debate. Em um segundo momento da oficina, convidávamos as crianças a contar uma história ou compartilhar uma memória significativa por meio da criação de um pequeno livro em quadrinhos, como podemos observar na Imagem 9. Esse material era previamente preparado antes da chegada do grupo, continha uma capa e, em seu interior, uma página com quadros em branco, permitindo que as crianças organizassem suas narrativas de forma cronológica como vemos nas imagens 10 e 11.

Figura 9 - Momento de montagem dos livros na Oficina "Meu lugar na História"



Fonte: arquivo pessoal (2018)

Figura 10 - Livros produzidos pelas crianças na oficina "Meu lugar na História"



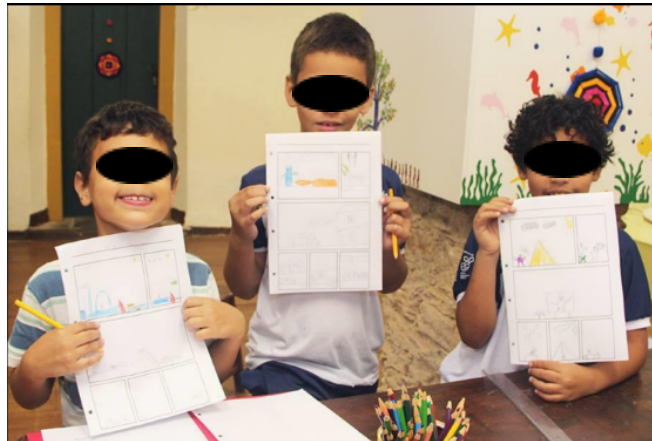
Fonte: arquivo pessoal (2018)

Figura 11 - Montagem dos livros na oficina "Meu lugar na história"



Fonte: arquivo pessoal (2018)

Figura 12 - Apresentação dos livros na oficina "Meu lugar na história"



Fonte: arquivo pessoal (2018)

Ao final da oficina, as crianças eram convidadas a compartilhar suas histórias com os colegas, (imagem 12) apresentando seus livros e narrando as memórias escolhidas. Esse momento de socialização revelava não apenas a diversidade de experiências vividas, mas também a forma como cada participante compreendia e organizava sua própria trajetória. A escuta coletiva favorecia o reconhecimento do outro e a valorização das histórias individuais como parte de um conjunto maior de vivências. Ao fim da atividade, os livros produzidos eram levados pelas próprias crianças, possibilitando que a experiência ultrapassasse os limites do museu e se prolongasse no ambiente familiar e escolar.

2.1.2 Visitas Mediadas: percursos temáticos e experiência relacional

Além das atividades realizadas na Casa do Pilar, o Setor Educativo também era responsável pela condução das visitas mediadas no edifício principal do Museu da Inconfidência, as quais atendiam a uma diversidade maior de grupos, com faixas etárias e perfis variados. Para a realização dessas visitas, era necessária uma organização prévia que envolvia o agendamento e a preparação específica para cada grupo. Nesse processo, buscávamos levantar informações como a idade dos participantes, a série escolar, a instituição de origem e se já haviam visitado o museu anteriormente, de modo a adequar a linguagem e a condução da mediação às características do público atendido. Esses dados foram documentados no Museu e não buscamos o acesso para este estudo, fonte que pode gerar pesquisas posteriores.

No período próximo ao início do meu estágio, em 2018, o projeto de visitas mediadas oferecido pelo Setor Educativo passou por uma reformulação com o objetivo de melhor atender às demandas do público e tornar a atividade mais dinâmica. Uma das principais mudanças foi a redução do tempo de duração das visitas, que passou de aproximadamente uma hora e meia para cerca de quarenta e cinco minutos. Anteriormente, os grupos percorriam todas as salas do museu, o que tornava a experiência cansativa, sobretudo para o público infantojuvenil. A reformulação buscou, portanto, tornar a visita mais objetiva e significativa, respeitando os limites de atenção e interesse dos visitantes.

A partir dessa reorganização, passaram a ser oferecidos quatro roteiros temáticos distintos: Inconfidência Mineira, Formação da Cidade, Barroco e Mulheres no Museu, cabendo ao grupo escolher o roteiro desejado no momento do agendamento. Além disso, algumas peças da reserva técnica do museu haviam sido selecionadas para serem manipuladas pelos visitantes durante a visita, o que contribuiu para tornar a experiência mais interativa e aproximar o público dos objetos museológicos de forma sensível e concreta.

A incorporação da manipulação de peças da reserva técnica durante as visitas mediadas aproxima-se de experiências descritas em outras instituições museológicas, como no caso da *Maleta Arqueológica* do Museu Antropológico da UFG, analisada por Passos dos Santos (2016). Nesse projeto, o contato direto e mediado com os objetos possibilitou aos visitantes uma experiência investigativa, na

qual a observação, o manuseio e a formulação de hipóteses se tornaram parte central do processo educativo. Ao permitir que o público tocasse determinados objetos, sob orientação, o museu deslocava a experiência do campo exclusivamente visual para uma dimensão sensorial e dialógica, favorecendo a construção ativa de sentidos. De modo semelhante, a utilização de peças da reserva técnica no Museu da Inconfidência contribuía para reduzir a distância simbólica entre visitante e acervo, transformando a visita em um espaço de experimentação e mediação mais concreta e significativa.

Nas visitas mediadas ao MDINC cada roteiro abordava um conjunto específico de temas e salas do museu, porém a condução da visita nem sempre seguia o roteiro rigidamente, ainda que houvesse um tema previamente definido, a dinâmica era construída em diálogo com o grupo, levando em consideração suas perguntas, experiências pessoais e impressões diante do acervo. As visitas mediadas buscavam estabelecer uma ponte entre o acervo e o público por meio de um percurso narrativo e interativo, no qual o visitante participa ativamente. Parte-se da compreensão de que há uma troca de saberes, já que os visitantes trazem suas próprias experiências e conhecimentos, que dialogam com o conteúdo apresentado, tornando a visita um espaço de interação e construção compartilhada de sentidos. Dessa forma, cada visita assumia um caráter singular, reforçando a mediação como um processo relacional e aberto à participação dos visitantes.

Separar a mediação por salas se mostrou um ponto elemental para as visitas, principalmente quando se trata do público infantojuvenil, conforme aponta Barbe-Gall (2012), limitar a experiência a um determinado número de salas é essencial nestes casos:

Qualquer que seja o tipo de museu a que se vai, uma visita sempre requer um esforço da parte de uma criança. [...] É mil vezes melhor observar atentamente uma única obra por cinco minutos que passar os olhos por tudo arrastando os pés durante uma hora. Sem chegar a esses extremos, nunca esqueça que, ao cabo de meia hora, a criança pode estar saturada e que, quanto mais nova for, mais reduzido deve ser o tempo de visita. (Barbe-Gall, 2012. p. 10)

Por essa razão, os roteiros do Setor Educativo passaram a ser desenvolvidos em aproximadamente 45 minutos, priorizando dinâmicas interativas capazes de estabelecer vínculos afetivos entre as crianças e o museu. A reorganização das visitas em percursos temáticos permitiu maior adequação às características de cada

grupo, tornando a experiência mais objetiva, participativa e alinhada aos interesses dos visitantes.

Conforme as informações contidas no site do Setor Educativo, os roteiros temáticos foram divididos da seguinte forma:

- Inconfidência Mineira compreendia as salas do primeiro andar do museu, nas quais eram apresentados aspectos relacionados à infraestrutura da cidade de Ouro Preto. Ao longo das salas visitadas, eram levantadas discussões que contemplavam o ciclo do ouro, a atividade mineradora, a atuação da Coroa Portuguesa e o sistema de impostos, contextualizando os antecedentes e o desenrolar do movimento da Inconfidência Mineira.
- Formação da Cidade abrangia igualmente as salas do primeiro andar do museu, propondo reflexões sobre os processos de constituição urbana de Ouro Preto e sobre a vida cotidiana da sociedade colonial. Nesse trajeto, também eram abordados temas relacionados ao ciclo do ouro e à Inconfidência Mineira.
- Barroco (imagem 13) correspondia às salas do segundo andar do museu, associadas à estrutura de Ouro Preto. A partir da análise de obras de arte sacra e de peças de mobiliário, discutia-se a influência do barroco na organização da sociedade colonial e sua relação com a Igreja Católica, incluindo referências a obras de Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho) e Ataíde.
- Por fim, o roteiro das Mulheres no Museu contemplava salas nas quais o acervo colocava em evidência o papel desempenhado pelas mulheres nos diferentes estratos da sociedade colonial mineira. Oriundas de distintas classes sociais, essas mulheres compartilhavam o fato de serem frequentemente representadas como personagens secundárias na narrativa histórica. Dessa forma, o roteiro propunha o debate sobre os processos de silenciamento e sobre os papéis femininos em Ouro Preto, com destaque para figuras icônicas do período colonial, como, por exemplo, a inconfidente Bárbara Eliodora¹⁴.

¹⁴ Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira nascida na cidade de São João Del Rei no ano de 1759, foi uma ativista política e poetisa. Conhecida como “Heroína da Inconfidência Mineira” pois participou ativamente do movimento e fez história devido à grandeza de seus princípios. Acesso em 17 de fev. de 2026. Disponível em: campanha.mg.leg.br/institucional/noticias/camaramulher-minibiografias-barbara-heliodora

Figura 13 - Visita Mediada sobre o Barroco - colégio CEOP 2018



Fonte: arquivo pessoal (2018).

Dentro das visitas mediadas, também era utilizado o livro *Vamos conhecer o Museu da Inconfidência?* (imagens 14 e 15), publicação idealizada pelo Setor Educativo em 2015 e direcionada ao público infantojuvenil. O material foi concebido com o propósito de promover uma visita mediada e interativa à exposição de longa duração do museu, reunindo conteúdos históricos, informações sobre o acervo, jogos, atividades e espaços destinados ao desenho e à expressão das crianças. Distribuído para visitantes entre 8 e 12 anos, o livro funcionava como um recurso pedagógico complementar, estabelecendo uma ponte entre o acervo e o público por meio de um percurso narrativo que estimulava a participação ativa. Ao integrar leitura, observação e produção criativa, o material reforçava a proposta de uma mediação dialógica, na qual a criança não ocupa um lugar passivo, mas é convidada a interagir com a exposição e construir seus próprios sentidos sobre o museu.

Figura 14 - Visita mediada com o livro *Vamos conhecer o Museu da Inconfidência* - 2016



Fonte: <https://educativomdinc.wordpress.com/2020/07/29/livro/>

Figura 15 - Capa do Livro "Vamos Conhecer o Museu da Inconfidência"



Fonte: <https://educativomdinc.wordpress.com/2020/07/29/livro/>

Além de seu uso durante a visita, o livro também era procurado por professores como recurso didático para dar continuidade aos conteúdos trabalhados no museu dentro da sala de aula. Muitos educadores o utilizavam como instrumento de retomada e aprofundamento dos temas abordados na exposição, explorando as atividades propostas, os jogos e os espaços para registro como forma de estimular novas discussões e reflexões com os alunos. Dessa maneira, o material contribuía para prolongar a experiência para além do momento da visita, fortalecendo o diálogo entre museu e escola e consolidando o livro como mediador entre o espaço expositivo e o contexto escolar.

Capítulo 3 – Entre o Patrimônio e a Infância: Mediação e Experiência em Museus Históricos

Ao tratar da mediação voltada ao público infantojuvenil em um museu histórico, é necessário ampliar o olhar para além das atividades descritas, compreendendo o conjunto de práticas que estruturavam a atuação do Setor Educativo e suas implicações na relação entre patrimônio e infância. As experiências desenvolvidas no período analisado revelam não apenas a diversidade de propostas, que incluíam oficinas, colônias de férias, ações extramuros e projetos de caráter continuado, mas também uma concepção de museu comprometida com o território, com a inclusão social e com a construção de vínculos duradouros com a comunidade. Ao mesmo tempo, tais práticas dialogam com debates mais amplos sobre educação não formal, ludicidade e formação crítica na infância, evidenciando que a mediação museal pode constituir-se como espaço de experimentação, escuta e produção de sentidos. Considerar ainda o cenário mais recente do educativo permite tensionar permanências e transformações, situando a experiência vivenciada entre 2018 e 2019 em um percurso mais amplo da instituição.

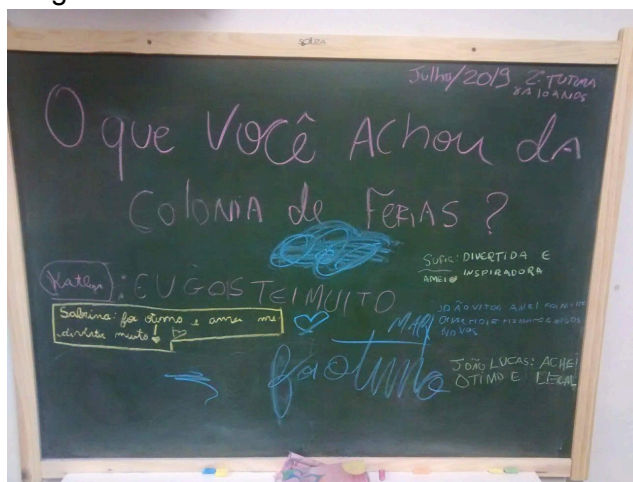
3.1 Mediação, Território e Compromisso Social no Setor Educativo

Há diversas outras atividades que eram desenvolvidas pelo Setor Educativo do Museu da Inconfidência durante o período do meu estágio que, por uma questão de recorte, não foram aprofundadas neste trabalho. Entre elas estavam as colônias de férias (imagem 16), realizadas nos meses de janeiro e julho, voltadas para crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos, e que ocorreram de 2014 até 2019. Essas oficinas buscavam proporcionar uma vivência mais livre do espaço museal, por meio de atividades lúdicas, jogos, brincadeiras e propostas criativas que estimulavam a imaginação e a convivência. A cada edição, as ações eram organizadas em torno de um tema central, que orientava o planejamento das atividades e conferia singularidade a cada ciclo.

As vagas das colônias de férias eram parcialmente destinadas à inscrição espontânea, para pessoas da própria comunidade, o principal meio de divulgação eram as redes sociais do Setor Educativo, onde os pais ou responsáveis deveriam inscrever as crianças. E parcialmente reservadas a crianças atendidas por

instituições de acolhimento do município, como a Casa Lar¹⁵ de Ouro Preto, reforçando o compromisso social do museu com a comunidade local. A iniciativa buscava estreitar os vínculos entre o museu e os moradores da cidade, promovendo o pertencimento e a ocupação do espaço museal para além das visitas escolares.

Figura 16 - Mural de Recados da colônia de férias



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Também se destacavam as ações extramuros, nas quais o Setor Educativo levava oficinas e atividades para distritos e comunidades da região, em parceria com eventos culturais como o Festival de Inverno, o Festival da Terra e outras iniciativas locais. Além disso, o setor participava ativamente de programações como a Primavera dos Museus e a Semana Nacional de Museus, frequentemente em articulação com outras instituições culturais da cidade, ampliando o alcance das ações educativas e fortalecendo redes de colaboração.

Entre os projetos de longa duração, alguns acompanhavam a trajetória do Educativo desde o início dos anos 2000 e permaneceram ativos até o encerramento da gestão da coordenadora Christine Azzi, em 2019. Um exemplo é o Projeto Girassol, iniciado em 2001 a partir da parceria entre os Centros de Atenção Psicossocial CAPS II (para pessoas em sofrimento psíquico intenso) e CAPS AD (para pessoas em situações relacionadas ao uso prejudicial de álcool e outras drogas) de Ouro Preto e o Setor Educativo do Museu da Inconfidência. A proposta consistia na elaboração de atividades educativas (Figura 17) pensadas

¹⁵ A Casa Lar de Ouro Preto é uma instituição de acolhimento destinada a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, oferecendo moradia provisória e acompanhamento até que seja possível o retorno ao convívio familiar ou encaminhamento para família substituta. Acesso em: 17 de fev. 2026. Disponível em: ouropreto.mg.gov.br/desenvolvimentosocial/abrigo-institucional

especificamente para os usuários desses serviços, em consonância com uma perspectiva de integração social e cultural. O projeto reafirmava o papel do museu como espaço de acolhimento, escuta e construção compartilhada de experiências, dialogando com públicos que historicamente enfrentam processos de exclusão.

Figura 17 - Oficina do Ciclo II do Projeto Girassol Todos Podem ser Frida - 2016



Fonte: <https://educativomdinc.wordpress.com/2020/07/30/projeto-girassol/>

Todas essas iniciativas, assim como outras ações desenvolvidas ao longo dos anos, encontram-se registradas no site do Setor Educativo, constituindo um importante acervo documental das práticas e concepções que orientaram a atuação do educativo nesse período.

3.2 Ludicidade, Infância e Mediação: Uma Leitura das Práticas do Setor Educativo

Embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se refira ao contexto escolar, suas orientações acerca da valorização das experiências lúdicas e da construção ativa do conhecimento oferecem importantes contribuições para pensar também as práticas desenvolvidas em espaços de educação não formal, como os museus. Ao destacar a necessidade de articular experiências vivenciadas na infância com processos progressivos de sistematização e ampliação do olhar sobre o mundo, a BNCC enfatiza que, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as crianças passam por transformações significativas em seu desenvolvimento, que impactam suas relações consigo mesmas, com os outros e com o ambiente que as cerca (BNCC, 2018, p. 58).

No contexto do Setor Educativo do Museu da Inconfidência, podemos observar essa compreensão na elaboração das ações voltadas ao público

infantojuvenil. As visitas mediadas, oficinas continuadas e projetos temáticos eram planejados com intencionalidade pedagógica, buscando promover o interesse, a participação e a construção de sentidos por parte das crianças, sem perder de vista sua condição de sujeitos em desenvolvimento. Os museus estruturam-se por meio de uma expografia previamente definida, com percursos e narrativas já estabelecidos, o que, muitas vezes, limita as possibilidades de interação mais livre por parte do público infantojuvenil. Ainda assim, as atividades eram estruturadas de modo a favorecer experiências significativas, nas quais o diálogo, a imaginação e o contato sensível com o acervo desempenhavam papel central.

Nesse sentido, o lúdico e o brincar não eram compreendidos como elementos acessórios, mas como dimensões estruturantes da prática educativa no museu. Ao propor dinâmicas interativas, momentos de criação coletiva, manipulação de objetos e elaboração de narrativas próprias, o Setor Educativo buscava respeitar as formas pelas quais as crianças aprendem e se expressam. Assim, a mediação desenvolvida no período analisado reconhecia que, mesmo diante de um patrimônio histórico marcado por monumentalidade e narrativas consolidadas, é possível construir experiências educativas que dialoguem com o universo infantil e promovam uma relação mais ativa, crítica e afetiva com a história e a memória.

Ao se pensar em desenvolver uma sequência didática para esses públicos, é importante planejar e buscar uma intencionalidade que promova o interesse dos visitantes. Para atuar nessa faixa etária é preciso ter consciência que este deve ser um momento de construção, em que eles não vão deixar de brincar, de se divertirem, e de serem crianças (Dellabona, 2004). E é através do lúdico e do brincar que elas se desenvolvem.

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou formação crítica do educando, quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade. (Dellabona, Mendes, 2004, p.107)

Ao incorporar o lúdico, a arte e o patrimônio como elementos estruturantes de suas práticas, o setor passa a atuar na construção crítica do conhecimento junto ao público infantojuvenil, especialmente por meio das oficinas continuadas. Essas atividades demonstram que a experiência em um museu histórico pode ocorrer de

forma participativa, sensível e criativa, respeitando as especificidades da infância e valorizando os conhecimentos trazidos pelas próprias crianças.

É fundamental que o público reconheça o museu como um espaço de experimentação, capaz de promover experiências divertidas, ao mesmo tempo em que valoriza a arte, a memória e a história de diferentes sujeitos e coletividades. Contudo, é preciso considerar que o patrimônio somente se torna significativo quando estabelece vínculos reais com aqueles que o vivenciam. Nesse sentido, a mediação assume papel central, pois é por meio dela que se constrói o diálogo entre a instituição e a população, possibilitando a troca, a escuta e a atribuição de sentidos compartilhados. É nesse processo relacional que o aprendizado se efetiva e que o conteúdo histórico deixa de ser algo distante para se tornar parte da experiência do visitante.

As práticas de educação não formal desenvolvidas pelo Setor Educativo, na época analisada, portanto, não apenas dialogam com a formação escolar, mas ampliam-na, criando vínculos afetivos entre crianças e jovens e o Museu da Inconfidência. Esses vínculos são essenciais para a valorização do patrimônio da cidade, pois favorecem o sentimento de pertencimento e o reconhecimento do museu como parte integrante da vida local. As crianças, ao se apropriarem dessas experiências, tornam-se multiplicadoras de saberes e afetos, compartilhando com familiares e amigos aquilo que vivenciaram no espaço museal.

Essas noções de pertencimento são determinantes para que, a longo prazo, o patrimônio da cidade se consolide como um bem cultural integrado à comunidade, e não apenas como um atrativo turístico. Compreender-se como sujeito da história, como agente do patrimônio e como produtor de memórias individuais e coletivas constitui um passo fundamental para que crianças e jovens participem ativamente da preservação e da construção simbólica de patrimônio. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas pelo setor educativo contribuem para o estreitamento desses laços, promovendo mudanças na relação dos públicos com o museu.

3.3 Permanências e Transformações: O Setor Educativo no Contexto Atual

Como o recorte do presente trabalho foi de 2018 a 2019, buscamos entender com a equipe atual (2026) do educativo do MDINC como está o cenário recente do setor, no presente momento. Segundo as respostas recebidas, a partir de uma

conversa informal¹⁶, o setor encontra-se em um processo de reconstrução estrutural e conceitual, sendo descrito pela própria equipe como uma retomada “do zero” devido à ausência de registro das atividades desenvolvidas anteriormente. Esse movimento envolve uma transformação narrativa da exposição, revisão da tipografia, reconfiguração da disposição do acervo e um reposicionamento institucional mais amplo.

No que se refere às atividades educativas, foi informado que, devido a questões estruturais, a antiga sala do setor localizada na Casa do Pilar encontra-se interditada. Em razão disso, não estão sendo realizadas oficinas regulares como ocorria no período analisado nesta pesquisa. A proposta atual é desenvolver oficinas pontuais ao longo do ano, especialmente vinculadas a eventos institucionais como a Semana Nacional de Museus e a Primavera dos Museus, ocasião em que, inclusive, já foram realizadas mediações recentemente.

Atualmente, o Setor Educativo conta com uma equipe composta por sete integrantes, entre coordenação e monitores de público. São oferecidas visitas guiadas mediante agendamento prévio, realizado por meio de um formulário disponibilizado no Instagram oficial do Museu, intitulado *Formulário de Agendamento de Grupos – Museu da Inconfidência*. O formulário informa que é necessário aguardar a confirmação da visita, condicionada à disponibilidade de datas e horários, ressaltando ainda que a visita é gratuita e que há uma equipe educativa responsável pelo acolhimento dos grupos. Além disso, foi informado, na conversa com a equipe atual do setor, que futuramente passarão a ser ofertadas visitas mediadas em horários fixos para o público geral, sem necessidade de agendamento prévio, iniciando sempre em horários pré-determinados.

O formulário de agendamento também disponibiliza o *Material Didático de Apoio ao Professor(a)*, elaborado pelo *Setor de Educação do Museu da Inconfidência*¹⁷, publicado em sua 1ª edição digital em setembro de 2025. O documento apresenta orientações organizadas em três momentos, preparação para a visita, acompanhamento durante o percurso expositivo e atividades posteriores, propondo questões disparadoras, conexões interdisciplinares e sugestões de atividades críticas e sensoriais com os alunos.

¹⁶ Procuramos a equipe atual por e-mail indicado e foram receptivos marcando uma conversa para que pudéssemos conversar sobre como a equipe está trabalhando atualmente.

¹⁷ Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1d7jPagvG-CKIEsuvMEG7ovRDCtdDUz_I
Acesso em: 25 fev. 2026.

O material traz a intenção de estimular o olhar crítico sobre as narrativas museais, questionando silêncios, lacunas e representações de grupos historicamente marginalizados, além de propor reflexões sobre gênero, etnia, desigualdades sociais e processos de resistência cultural. Dessa forma, mesmo diante das limitações estruturais temporárias, observa-se a manutenção de uma preocupação com a mediação dialógica e com a articulação entre museu e escola.

Esse processo de reconstrução das ações evidencia como a preservação e a organização da memória institucional também constituem dimensões fundamentais da educação museal, uma vez que a documentação das experiências acumuladas possibilita continuidade, avaliação crítica e fortalecimento das políticas educativas ao longo do tempo. Cabe destacar que os registros dessas ações existem, tanto em fontes internas quanto em publicações externas e plataformas digitais, porém ainda carecem de um processo de sistematização institucional que os articule e os integre às novas propostas. Essa situação reforça a importância de consolidar mecanismos contínuos de organização e salvaguarda das práticas educativas, garantindo que as experiências construídas historicamente possam dialogar de forma consistente com as transformações presentes.

Considerações Finais

Ao longo desta pesquisa, busquei analisar de que maneiras um museu histórico pode fortalecer sua função social por meio de interações educativas voltadas ao público infantojuvenil, tomando como recorte o Setor Educativo do Museu da Inconfidência, entre 2018 e 2019, período em que estive inserida na instituição enquanto estagiária. A pesquisa partiu da compreensão de que a mediação vai muito além de uma prática de “explicação” do acervo. Constitui um campo de encontro, escuta e construção de sentidos, capaz de transformar a visita em uma experiência significativa e, sobretudo, de aproximar crianças e jovens do patrimônio cultural e do território em que vivem.

No primeiro capítulo, ao contextualizar os museus históricos, com um foco maior no Museu da Inconfidência, e suas relações com os públicos, evidenciei que essas instituições carregam marcas de uma tradição expositiva centrada na autoridade do acervo e na transmissão unilateral de narrativas, ao mesmo tempo em que são atravessadas, contemporaneamente, por debates que reivindicam participação, diálogo e democratização. Nesse percurso, a mediação apareceu como uma chave crítica para tensionar distanciamentos simbólicos e ampliar possibilidades de apropriação do museu por diferentes sujeitos, compreendendo que democratizar não se limita ao acesso material, mas envolve condições efetivas de fruição, pertencimento e acessibilidade social e simbólica. Ao aproximar essa discussão do contexto de Ouro Preto e do Museu da Inconfidência, também ficou explícito como a monumentalidade do patrimônio e a própria constituição histórica do museu podem reforçar estranhamentos e hierarquias o que torna ainda mais necessário pensar estratégias educativas sensíveis, capazes de produzir vínculos e leituras mais plurais do passado.

No segundo capítulo, ao apresentar o Setor Educativo do Museu da Inconfidência e as práticas desenvolvidas no recorte de 2018 e 2019, destaquei que as ações educativas descritas, especialmente as oficinas continuadas e as visitas mediadas, foram planejadas com intencionalidade pedagógica e orientadas por estratégias de diálogo com diferentes etapas do desenvolvimento infantil e juvenil. As oficinas, ao mobilizarem imaginação, repertórios pessoais e criação coletiva, contribuíam para ressignificar a ideia de museu, deslocando-o de um lugar distante para um espaço possível de interpretação e expressão. De modo complementar, as

visitas mediadas, reorganizadas em roteiros temáticos e conduzidas de forma mais dinâmica e participativa, mostraram como a mediação pode favorecer a construção compartilhada de sentidos, inclusive ao aproximar o público dos objetos por experiências mais sensoriais e concretas, sem perder de vista os limites de atenção e as especificidades do público infantojuvenil.

No terceiro capítulo, ao refletir sobre a experiência entre patrimônio e infância no contexto do museu histórico, retomei que a atuação educativa não se restringia ao atendimento escolar, mas se ampliava em iniciativas que buscavam fortalecer vínculos com a comunidade e diversificar formas de participação, incluindo ações extramuros, programações de maior duração e projetos voltados a públicos que vivenciam processos de exclusão. Nessa perspectiva, o diálogo com referências sobre infância e educação, inclusive a aproximação crítica com orientações voltadas ao lúdico e à construção ativa do conhecimento, reforçou que brincar, imaginar, narrar e criar não são dimensões acessórias, mas estruturantes para que crianças e jovens se reconheçam como sujeitos históricos, capazes de atribuir sentido ao patrimônio e de se perceberem pertencentes ao museu e à cidade. Assim, os resultados discutidos indicam que a mediação, quando compreendida como prática relacional, contribui para que a história deixe de ser apenas um conteúdo distante e passe a integrar a experiência vivida, favorecendo vínculos culturais e afetivos que reposicionam o museu como espaço de aprendizagem.

Ainda nesse capítulo, ao buscar o histórico e os registros do Setor Educativo, tornou-se evidente que a memória institucional das práticas educativas é um elemento frágil, mas presente, tanto os repositórios institucionais analisados, como as publicações do informativo *Isto é Inconfidência*, que registram recorrências e atividades do setor ao longo de anos, quanto a própria página do Setor Educativo que se constituem como fontes fundamentais de documentação e preservação dessas ações. Dessa forma, o trabalho também reforça que a ausência de sistematização interna não implica na inexistência de registros, mas evidencia a necessidade de reconhecê-los, reuni-los e tratá-los como parte do patrimônio documental da instituição, indispensável para a continuidade das práticas e para a compreensão de seu percurso histórico.

Por fim, considero que a principal contribuição desta pesquisa para a área museológica está em articular, a partir destes exemplos, como a mediação em museus históricos pode operar como prática de aproximação simbólica, educativa e

afetiva entre públicos infantojuvenis e patrimônio cultural, fortalecendo a função social do museu para além de uma lógica de contemplação, sobretudo escolar. Ao descrever e refletir sobre práticas concretas do Setor Educativo no período analisado, o trabalho também evidencia a importância da documentação museológica e da memória institucional das práticas educativas, bem como o valor de compreender a educação museal como dimensão integrada às responsabilidades do museu com o território, com a diversidade de públicos e com a construção democrática de sentidos sobre a história. Assim, ao registrar e sistematizar as experiências educativas desenvolvidas no Museu da Inconfidência, esta monografia também se torna uma contribuição documental para a própria instituição, na medida em que integra, tal como outros trabalhos acadêmicos encontrados durante a pesquisa, um conjunto de registros que preserva parte do histórico das práticas educativas e pode subsidiar pesquisas futuras, planejamentos e retomadas institucionais.

Referências bibliográficas

- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 9, 1996.
- BRUSADIN, Leandro Benedini. O Museu da Inconfidência em Ouro Preto (MG) e sua interface com o turismo, o patrimônio e a comunidade local. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 298-315, dez. 2014.
- CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.s). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*, Livro 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 108-142.
- CANEDO, Daniele Pereira; NASCIMENTO, Mona; SEVERINO, José Roberto *Pesquisa nacional de práticas educativas dos museus brasileiros: um panorama a partir da política nacional de educação museal – relatório final*. Joinville: Casa Aberta Editora e Livraria; Ibram, 2023.
- CASTRO, Fernanda Santana Rabello de. “O que o museu tem a ver com educação?”: educação, cultura e formação integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- CLIFFORD, James. Museus como zonas de contato. Tradução Alexandre Barbosa de Souza e Valquíria Prates. *Periódico Permanente*, n. 6, fev. 2016.
- COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias - Educação Museal. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: Ibram, 2018.
- CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. Chão de pedras, céu de estrelas: o Museu-Escola do Museu da Inconfidência, Ouro Preto, década de 1980. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schmitt. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG*, v. 1, n. 4, p. 107-112, jan./mar. 2004.
- HEYMANN, Luciana (Org.). *50 anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972-2022): novos olhares sobre os museus*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. Museu da Inconfidência – Sobre o Museu. Disponível em: museudainconfidencia.museus.gov.br/sobre-o-museu/. Acesso em: 14 jan. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM); OBSERVATÓRIO DA ECONOMIA CRIATIVA DA BAHIA (OBEC). Pesquisa nacional de práticas educativas dos museus brasileiros: um panorama a partir da Política Nacional de Educação Museal: relatório final. 1. ed. Joinville, SC: Casa Aberta Editora e Livraria; Instituto Brasileiro de Museus, 2023. ISBN 978-65-980767-0-2.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018. 132 p. ISBN 978-85-63078-59-9.

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda. Bárbaro, escravos e civilizados: o público dos museus no Brasil. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n.31, p. 186-205, 2005.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. A parceria educativa: o exemplo francês. In: Cadernos do museu da vida: o formal e o não formal na dimensão educativa do museu. Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Museu de Astronomia e Ciências Afins, p.70-79, 2002.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Público, o X da questão: A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil. Museologia & Interdisciplinaridade, Brasília, v. 1, n. 1, p. 209-231, jan./jul. 2012

LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. Educação & Sociedade, (Campinas, SP), n. 40, dez. 1991.

MARANDINO, Martha (org.). Educação em museus: a mediação em foco. São Paulo: Geenf / FEUSP, 2008.

MÖRSCH, Carmen. Numa encruzilhada de quatro discursos: mediação e educação na documenta 12: entre afirmação, reprodução, desconstrução e transformação. Tradução de Mônica Hoff. Revisão técnica de Diogo de Moraes. Periódico Permanente, n. 6, fev. 2016.

MORAIS, Adrielly Ribas. Práticas, fundamentos e conceitos da educação museal: Um estudo sobre as práticas educativas nos museus da República, da Maré e do Amanhã. 2022. 202 f. (p. 3) Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

MOURÃO, Rui. Preservação na área museológica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 34, p. 33-38, 1992.

PRÁTICAS EDUCATIVAS DO SETOR EDUCATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA – 2014 a 2019 – Disponível em: educativomdinc.wordpress.com/
Acesso em 10 nov. 2025

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. História. Ouro Preto, s.d. Disponível em: <https://www.ouropreto.mg.gov.br/historia>. Acesso em: 19 fev. 2026.

PASSOS DOS SANTOS, Karlla Kamylla. Ações educativas e seus públicos: Museu de Arte Contemporânea, Museu Antropológico e Museu de Morfologia – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, 2016.

PASSOS DOS SANTOS, Karlla Kamylla. Educação museal e feminismos no Brasil: silenciamentos, estranhamentos e diálogos a partir de um olhar interseccional e decolonial. 2023. Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade Lusófona, Lisboa, 2023.

SANTOS, Giovanna Patrícia de Deus. Museus como espaços de aprendizagem não formal: educação patrimonial e turismo cultural no Museu da Inconfidência. – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2025.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Paulo Freire, docência em museologia e os museus: um caminhar de descobertas, aprendizagem e amorosidade. Cadernos de Sociomuseologia, v. 63, n. 19, p. 39-59, 24 jun. 2022

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Processo museológico e educação: construindo um museu didático-comunitário. 1996. 317 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

UNESCO – Historic Town of Ouro Preto. Disponível em: whc.unesco.org/en/list/124. Acesso em: 17 jan. 2026.